
Narrativas do golpe no presente: uma leitura sobre a cobertura dos dias 29 e 31 de março¹

Carlos Felipe de Oliveira SOUZA²
Wesley Guilherme Idelfoncio de VASCONCELOS³
Tiago Coutinho PARENTE⁴
Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este artigo surge a partir da análise dos acontecimentos decorrentes da comemoração da data de 31 de março no governo Bolsonaro a partir dos editoriais dos jornais O Globo, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo como também de edição do Jornal Nacional. Dessa forma, pesquisamos e analisamos a influência midiática acerca do debate da estruturação de uma memória nacional.

PALAVRAS-CHAVE: 31 de março; Ditadura militar; Jornais; Memória; Narrativas Midiáticas.

Introdução

Este artigo parte da pesquisa de iniciação científica intitulada “Narrativas midiáticas e datas comemorativas: disputas políticas de como se lembra o passado”, vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Universidade Federal do Cariri. O projeto, com duração de três anos, estuda a presença, na atual conjuntura brasileira, de uma narrativa colonizadora sobre as comemorações de datas consagradas na história nacional. Inicialmente focada na data de 7 de setembro, a pesquisa percebeu a necessidade urgente de estudar as lembranças construídas no tempo presente em torno do dia 31 de março de 1964.

Hannah Arendt, filósofa alemã, utiliza no prefácio de sua obra “Entre o passado e o futuro” (1979) uma frase de Faulkner sobre o peso do passado: “O passado nunca está morto, ele nem mesmo é passado”. Logo, compreender a celebração da data 31 de março de 1964 e sua importância na história sócio-política no Brasil se faz necessária para compreender o que se passa no presente. O momento citado foi o início definitivo

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: oliveira.felipe@aluno.ufca.edu.br

³ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: wesleyguilherme1998@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA); email: tiago.coutinho@ufca.edu.br

de um período repleto de perseguições, torturas e mortes, e que devem ser lembradas, mas como algo que não deve ser repetido ou comemorado.

Porém, o dia 31 de março de 2021 foi marcado, segundo matéria da Folha de São Paulo (2021), por uma série de pequenas manifestações em capitais do país, que celebraram o golpe militar de 1964 e saíram em defesa do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), símbolo do saudosismo da ditadura. Houve atos em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, por exemplo. Em São Paulo, o ato ocorreu por meio da Marcha da Família Cristã pela Liberdade, convocada por apoiadores de Bolsonaro.

Dessa forma, é possível compreender que uma parcela da população apoia a Ditadura. Isso ocorre porque acreditam na mentira de que houve uma era de ouro, apesar das perseguições e mortes políticas que ocorreram no período. Aarão Reis ressalta que, para muitos, os anos ditatoriais foram “anos de ouro, descortinando horizontes, abrindo fronteiras, geográficas e econômicas (...). Naquelas areias movediças havia os que afundavam, mas também os que emergiam, surgidos de todos os lados, desenraizados, em busca de referências, querendo aderir” (AARÃO REIS, 2005: 61).

Assim sendo, é de se imaginar que, com a participação ativa de populares em atos e manifestações a favor da ditadura, um medo de um novo golpe surgisse. Esse mesmo medo tomou força dias antes das manifestações, em 29 de março, quando foi anunciada a alteração da liderança em 6 Ministérios e nas Forças Armadas, sob mandato do presidente Jair Bolsonaro. O sentimento de medo e confusão que tomou parte da população brasileira na semana está muito bem representado no meme da imagem 01, principalmente quando escreve “Brasil, 29 de março de 2021. Quem não tá confuso, tá com medo” na legenda do post.

Imagem 01 - Meme da Turma da Mônica relacionado às mudanças repentinas nos ministérios



Fonte: instagram.com

Essas movimentações no governo federal demonstraram uma nítida negociação entre o presidente e as forças armadas brasileiras. As substituições ministeriais⁵ ocorreram na liderança da Casa Civil, Justiça e Segurança Pública, Ministério da Defesa, Relações Exteriores, Secretaria de Governo e Advocacia Geral da União; e em seguida, com substituições nas Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica). As medidas foram anunciadas pelo twitter do presidente, como pode ser percebido nas imagens 2 e 3.

Imagem 02 - Printscreen de tuíte de Jair Bolsonaro no dia 29 de março de 2021

⁵ Importante salientar que, quando empossado, Bolsonaro extinguiu o Ministério do Esporte, como também o do Desenvolvimento Social e o da Cultura. Entre 2019 e 2020, houve três nomes comandando o Ministério da Educação: Ricardo Rodriguez, Abraham Weintraub e Milton Ribeiro, que atualmente (2021) está no cargo. Também é possível citar Carlos Decotelli, que mesmo nomeado, não exerceu o cargo após escândalos. Quanto ao Ministério da Saúde, quatro nomeações foram realizadas: o primeiro, Luiz Henrique Mandetta, seguido de Nelson Teich, depois Eduardo Pazuello e, por fim, Marcelo Queiroga, atual ministro (2021). Entre o período da saída de Teich e a entrada de Pazuello, a liderança do ministério ficou vaga por quase um mês (15 de maio a 2 de junho de 2020).



Fonte: twitter.com

Imagem 03 - Printscreen de tuíte de Jair Bolsonaro no dia 29 de março de 2021



Fonte: twitter.com

O novo Ministro da Defesa, Braga Netto, fez sua primeira ação no cargo publicando em seu twitter, no dia 31 de março⁶, às 18h30, uma nota sobre a celebração da data. “O movimento de 1964 é parte da trajetória histórica do Brasil. Assim devem ser compreendidos e celebrados os acontecimentos daquele 31 de março”, o assunto

⁶ O dia é considerado o marco inicial da ditadura militar brasileira. Sabemos, no entanto, que um período histórico não se inicia de forma similar ao nascimento de uma criança, com data e hora de fácil registro. Por isso, há controvérsias sobre a data, e alguns autores divergem quanto ao dia do golpe. Vizeu (2019), por exemplo, traz como ocorrido no dia 31, enquanto Schwarzc e Starling (2018) apontam como iniciado em algum momento entre os dias 31 de março e 04 de abril. Mário Magalhães (2012) o mostra nas primeiras horas do dia 1 de abril “data que os militares não gostavam de identificar com a efeméride, por remeter ao tradicional ‘Dia da Mentira’” (NAPOLITANO, 2017, p. 358).

esteve entre os mais comentados no twitter, ao lado da hashtag, #Viva31deMarço e #ImpeachmentDeBolsonaroUrgente, como mostra a imagem 04.

Imagem 04 - Hashtags como #Viva31deMarço e #ImpeachmentDeBolsonaroUrgente entraram nos assuntos mais comentados do Twitter



Fonte: twitter.com

De acordo com Sakamoto (2021), as mudanças serviriam para fortalecer a celebração do aniversário do golpe de 1964, já que agora os cargos estariam ocupados com pessoas dispostas ao papel (ou papelão) de seguirem a risco as ordens diretas do presidente. Sakamoto ainda afirma que “um tuíte de um comandante do Exército que se meta indevidamente em uma discussão civil tem mais poder do que horas de robôs contratados para flodar⁷ com fake news o debate público”. Além dessa influência nas redes sociais, é possível imaginar também os interesses militares pairando acima dessas mudanças, levando em conta que um autogolpe de Estado teria o apoio das Forças Armadas.

Análise editorial

Diante da narrativa da ameaça de um novo golpe, se faz necessário compreender como o mesmo está sendo tratado pela mídia, que é parte essencial da formulação da

⁷ Gíria muito utilizada em redes sociais e internet. No inglês, o termo “flood” significa inundar. O termo é atribuído a usuários da internet que postam sucessivamente conteúdos, por vezes, irrelevantes e repetitivos.

narrativa da população. É importante enxergar a força ativa dos meios de comunicação na elaboração de ideais e perspectivas de eventos históricos, já que os mesmos atuam como veículo de formação cultural e moral do povo (CRUZ, 2020).

Buscamos analisar inicialmente os jornais “O Globo”, a “Folha de São Paulo” e o “Estado de São Paulo”, que de acordo com Napolitano (2017), tinham grande influência no período ditatorial entre o empresariado e a classe média das duas principais cidades brasileiras, grupos importantes na formação de uma “opinião pública” nacional e na interlocução da sociedade civil com o regime vigente. Silva (2013), ainda completa em sua pesquisa sobre como esses golpes cobriram o golpe de 1964, e que estes assumiram seu apoio no período, o que vale uma digressão.

Dessa forma, o editorial d’O Globo “apesar de assumir a culpa, o mesmo discurso que permeou o imaginário golpista - fortemente marcado pela ideia de uma crise instituída que exigia uma solução - é ressuscitado, e utilizado pelo jornal como fatos históricos que inevitavelmente conduziram o país a um golpe de estado e justificariam, portanto, o apoio do jornal”(SILVA, 2013).

De modo similar, a Folha de São Paulo, para amenizar o peso político de seu apoio, alega a ameaça de uma ditadura comunista para fazê-lo (SILVA, 2013). É recorrente ao longo do século XX buscar a ideia do medo em torno de uma suposta “invasão comunista no Brasil”. Além do golpe de 1964, essa narrativa esteve presente na década de 30 e também foi muito difundida nas eleições de 2018.

Contudo, Iná Camargo (2020) descreve em seu livro “Dialética do Marxismo Cultural” que a tática de perseguição ao pensamento marxista, estreitamente relacionado com o pensamento comunista, não foi utilizada apenas no Brasil, mas em vários lugares do mundo, como por exemplo no livro *Minha Luta* (1926), de Adolf Hitler, considerado por ela “uma declaração de guerra ao marxismo” (p. 16). Ou seja, trata-se de uma estratégia recorrente e diretamente relacionada com a ascensão da extrema e violenta direita.

Por fim, Silva (2013) também reconhece em sua análise sobre o “Estado de São Paulo” uma justificativa para o golpe, mas que o mesmo não tem o propósito de pedir desculpas à sociedade, muito menos alega participação na ação (informando que a mesma foi implantada em essência própria), além de não utilizar termos como “golpe”

ou “ditadura” em seu editorial. Se faz interessante pensar no porquê dessa narrativa ter sido construída assim.

Esta pesquisa, no entanto, se voltou para os editoriais dos meios de comunicação, buscando informações relacionadas às alterações ministeriais realizadas no dia 29 de março e como as mesmas contrastam entre si e se comparam com suas edições passadas apresentadas anteriormente.

No dia 17 de março de 2021, o editorial do jornal O Globo⁸ traz a seguinte frase na pauta principal: “*Com 2.798 mortes, Queiroga fala em dar continuidade*”, e assim, apresenta o início da trajetória do novo Ministro da Saúde. Mais abaixo, um caixote menor também alerta: “*Escolha do novo ministro da Saúde desagrada ao Centrão*”. Centrão esse desagrado, ainda de acordo com o caixote, é Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados. O editorial da Folha⁹ do mesmo dia é um pouco similar, apontando em letras garrafais: “*Rejeição da Gestão Bolsonaro tem pior marca*”, e num caixote aponta: “*Queiroga defende a ciência em dia recorde de mortes*”. Por fim, o editorial do Estadão¹⁰ é um pouco diferente. Iniciando com: “*País tem 2.798 óbitos em 24h; em SP, 88 morreram na fila por leito*”. Ao lado, o caixote fazendo referência ao novo ministro da Saúde: “*Não teremos paciência, diz vice da Câmara sobre Queiroga*”.

Enquanto nos jornais O Globo e a Folha de São Paulo mostram dados sobre a pandemia e apontam o desagrado das atitudes do presidente, seja com o Centrão ou com a população, o Estadão de São Paulo também não deixa de informar sobre a pandemia, mas dessa vez o desagrado se volta ao ministro Queiroga, que acabou entrando num período de recordes de morte por covid-19.

No dia 30 de março de 2021, o editorial da Folha apresenta em negrito “*Bolsonaro troca 6 ministros, afaga centrão e surpreende militares*”. Mesmo agradando o Centrão, a atitude de desagradar permanece, dessa vez com os militares. Abaixo, pequenas colunas que relatam sobre as mudanças ministeriais, e em seguida, uma citação do jornalista Igor Gielow, que reforça a idéia de que Bolsonaro agora busca firmemente o melhor Brasil possível, mesmo passando por cima de interesses:

⁸ Editorial do O Globo do dia 17 de março de 2021 disponível no link:

<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210317>;

⁹ Editorial da Folha de São Paulo do dia 17 de março de 2021 disponível no link:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2021/03/17/index.shtml>;

¹⁰ Editorial do Estado de São Paulo do dia 17 de março de 2021 disponível no link:

<https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo/20210317>.

“Presidente faz jogada brusca e arrisca crise militar com mudanças ministeriais”, como mostra a imagem 5.

Imagem 05 - Edição da Folha de São Paulo¹¹ (30/03/2021)



Já a edição d’O Globo se inicia com a seguinte frase: “*Pressionado, Bolsonaro cede ao centrão e abre crise com os militares*”. Uma frase bem parecida com a da edição da Folha de São Paulo do mesmo dia. Porém, com uma diferença. Agora, Bolsonaro está pressionado, não fazendo modificações porque quer, mas sim porque precisa. Logo abaixo, as informações importantes para compreender o que realmente está acontecendo. Ao lado, as citações que revelam possíveis interesses do presidente, como o autogolpe, e sobre como suas ações são preocupantes para o futuro do país, como pode ser visto na imagem 6.

¹¹ Editorial da Folha de São Paulo do dia 30 de março de 2021 disponível no link: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2021/03/30/index.shtml>

Imagem 06 - Edição do jornal O Globo¹² (30/03/2021)



No título principal do Estadão, tem-se a frase “*Ministro da Defesa cai por recusar uso político das Forças Armadas*”. No subtítulo, o comentário do presidente sobre como a alteração foi necessária, e em seguida, a informação de outras alterações. Abaixo, o olhar sério e pensativo do presidente. Logo, pode-se entender que o antigo ministro foi afastado por não obedecer ordens superiores. Foi aconselhado a usar as Forças Armadas, mas negou, e então foi afastado. É possível entender a frase até como uma demonstração de poder e de influência do presidente. No lado direito, uma coluna que mostra as outras alterações nos Ministérios, como pode ser visto na imagem 7.

¹² Editorial do O Globo do dia 30 de março de 2021 disponível no link: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210330>

Imagem 06 - Edição d'O Estado de São Paulo¹³ (30/03/2021)



Assim, com um certo amparo da mídia e com as alterações no Governo, só é necessário o apoio da população. E para se tornar um objetivo mais fácil de se conseguir, Bolsonaro busca um meio legal de mostrar como a Ditadura foi boa. Assim, atribuindo-a como um motivo de celebração, houve a aprovação no Tribunal Regional Federal da 5ª Região, o direito do governo de realizar atividades em alusão ao golpe militar de 1964. E logo após a aprovação na Justiça veio a nota do Ministro da Defesa Braga Netto.

Já no dia 31 de março de 2021¹⁴, 57 anos após o Golpe Militar, a Folha de São Paulo¹⁵ apresentou no título do editorial: “*Bolsonaro troca comando das Forças e abre maior crise militar desde 1977*”, fazendo referência à demissão do ministro do Exército

¹³ Editorial do Estado de São Paulo do dia 30 de março de 2021 disponível no link: <https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo/20210330>

¹⁴ O editorial da Globo deste dia está indisponível para visualização.

¹⁵ Editorial da Folha de São Paulo do dia 31 de março de 2021 disponível no link: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2021/03/31/index.shtml>

Sylvio Frota, pelo então presidente Ernesto Geisel. Em seguida aponta que os novos líderes foram contra ações anti-isolamento durante o período pandêmico. Mais abaixo, em caixote: *“Politização militar ocasionou tensão sem precedentes”*. Em contraste com essas informações, o Estado de São Paulo¹⁶ informa em seu editorial: “Comando das Forças Armadas é demitido por ordem de Bolsonaro”. Novamente uma possível demonstração de poder, mas não só isso, também a sensação de que tudo está sob controle. Porém, numa pequena nota, a informação é: *“Nenhuma das trocas ministeriais visa melhorar a administração. Prestaram-se somente a aplacar as neuroses dos presidente e saciar os apetites da família Bolsonaro, além da voracidade do Centrão”*.

Análise Jornal Nacional

Inicialmente, é preciso justificar a escolha do Jornal Nacional como objeto de análise. Para isso, recorreremos ao trabalho da professora Helena Martins, da Universidade Federal do Ceará. Em seu trabalho intitulado “Comunicações em Tempos de Crise: Economia e Política” (2020), Martins diz que

O alcance é garantido pela estratégia de integração em rede. Embora possua apenas cinco concessões diretamente vinculadas ao grupo, ele reúne, ao todo, 122 emissoras, as quais chegam em 5.171 dos 5.570 municípios brasileiros, segundo informações oficiais do grupo. A abrangência é ampliada pelo uso de satélites, que levam o sinal para outros 307 municípios. Ao todo, a Globo também afirma alcançar 5.478 municípios, 98,35% do total, podendo chegar, com isso, a 99,43% da população. Os números são de julho de 2019 (MARTINS, 2020; p. 82-83)

Dessa forma, percebe-se a importância do Jornal Nacional, que se configura como o telejornal brasileiro de maior alcance, com capilaridade em quase 100% dos municípios brasileiros. Sobre a cobertura feita pelo Jornal Nacional acerca desse acontecido, pode-se considerá-la tímida. Contudo algumas ponderações são necessárias. Vejamos:

Dia 17 de março foi quando Bolsonaro conseguiu na justiça o direito de celebrar o golpe de 1964. Na edição do JN desse dia, e dos que se seguiram, não foi dedicado nenhum segundo para comentar esse fato. Porém, era um período de início da

¹⁶ Editorial do Estado de São Paulo do dia 31 de março de 2021 disponível no link: <https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo/20210331>

vacinação, o país estava passando por altas sucessivas de casos e óbitos pela covid-19 e toda a edição do jornal foi dedicada aos fatos que se relacionassem com a pandemia.

Apesar de que é importante destacar a importância dessa vitória judicial, visto que se trata de um período da história com uma diversidade de crimes, arbitrariedades, perseguições e mortes; e que não há o que se comemorar. Dessa forma, se trata de um tema que deveria ter entrado na edição com uma reflexão crítica sobre a gravidade dessa comemoração autorizada pelo judiciário.

Dias depois, em 30 de março, ocorreu a troca dos chefes das Forças Armadas. Neste dia, O JN dedicou cerca de 27% do tempo da edição para cobrir esse acontecido. Trouxe também falas de parlamentares e lideranças políticas comentando em suas redes sociais, especialmente no Twitter, sobre essa troca de lideranças militares às vésperas do “aniversário” do Golpe Militar. Contudo, somente algumas das falas apresentadas fazia relação com o golpe.

A primeira foi a da senadora Simone Tebet (MDB-MS), na qual dizia “A História não pode ser negada, nem reescrita ou esquecida” e também “A democracia brasileira já adquiriu imunidade a possíveis novas variantes autoritárias, mas requer constante atenção a tentativas de volta ao passado”.

Outro parlamentar que também fez essa relação foi o deputado federal Kim Kataguirí (DEM-SP), em pronunciamento na Comissão de Constituição de Justiça da Câmara dos Deputados, onde disse: “Isso tem aparência de golpe. Isso tem cheiro de golpe. No dia em que os três comandantes das Forças Armadas pedem demissão”.

A primeira ação do novo Ministro da Defesa, Braga Neto, foi um pronunciamento sobre a comemoração dos 57 anos do Golpe, que ele chamou de “Movimento de 31 de Março de 64”.

Na cobertura, os apresentadores Flávio Fachel e Mariana Gross, disseram o seguinte:

[...] No documento, Braga Neto descreve o contexto da época. Diz que o século XX foi marcado pelas guerras mundiais e pela expansão de ideologias totalitárias, e que a guerra fria envolveu a América Latina, trazendo ao Brasil o cenário de inseguranças, com instabilidade política, social e econômica. Segundo ele, havia ameaça real à paz e à democracia. Braga Neto segue afirmando que os brasileiros se movimentaram nas ruas com amplo apoio da imprensa, de lideranças políticas, igrejas e empresários. Nas palavras dele, coube às forças armadas a responsabilidade de pacificar o país, enfrentando desgastes para reorganizar e garantir as liberdades democráticas de hoje. Braga Neto não faz referência aos 21 anos em que os militares se

mantiveram no poder após o golpe, nem a atos duros do regime como AI-5, a censura à imprensa e a perseguição a políticos (JORNAL NACIONAL, 30/03/2021).

Em seguida, complementam, trazendo as reverberações atuais do pronunciamento:

O novo ministro destacou que as forças armadas acompanham as mudanças dos últimos anos, conscientes de sua missão constitucional de defender a pátria, garantir os poderes constitucionais e seguros de que a harmonia e o equilíbrio entre esses poderes preservarão a paz e a estabilidade em nosso país. Braga Neto conclui dizendo que o “Movimento de 64” é parte da trajetória histórica do Brasil, e que assim devem ser compreendidos e celebrados os acontecimentos daquele 31 de março. Esse é o terceiro ano consecutivo em que a ordem do dia é alusiva ao golpe de 64 com textos semelhantes. No ano passado, assinado pelo ex-ministro Fernando Azevedo e Silva, o texto afirmava que o “Movimento de 64” é um marco para a democracia brasileira (JORNAL NACIONAL, 30/03/2021).

No dia seguinte, 31 de março, o jornal não faz menção à comemoração do aniversário do Golpe, realizada nesse dia. A menção feita ao general Braga Neto se refere ao anúncio dos novos comandantes das Forças Armadas. O tom foi de apresentar os novos nomes que chefiariam o Exército, Marinha e Aeronáutica, apresentando suas formações e trajetórias, além de mostrar posicionamentos favoráveis às medidas de distanciamento social por parte do comandante do Exército. Também explicam e minimizam uma possível gravidade da troca, explicando ser algo já programado, dentro das tradições do exército. O único diferencial apresentado pela edição foi o fato de que, desde a redemocratização, foi a primeira vez que os três comandantes são substituídos ao mesmo tempo, fora do período de troca de governantes.

Considerações finais

A sombra do golpe de 1964 paira sobre o Brasil de 2021, com um líder político que altera leis e chefes de ministérios a seu próprio interesse. O sentimento de medo e preocupação da população é alimentada cada vez mais, a partir da mudança da liderança das Forças Armadas brasileiras, que dariam poder a um possível (novo) golpe de Estado.

Também se torna mais forte sua ideologia, tendo em vista que a noção de memória é modificada, como pode ser vista nos editoriais, com o tempo presente

sofrendo alterações, se reescrevendo constantemente, mas sempre utilizando do mesmo material, mediante acréscimos, revisões e correções (DELGADO, DE MORES, 2013).

Lucia Lippi de Oliveira afirma que “a memória nacional não é natural, e sim resultado de um trabalho de grupos e pessoas que implica as atividades de produção, circulação e consumo de sentidos e valores”(OLIVEIRA, 2000: 184). Logo, quem seria capaz de realizar essa produção senão os meios de comunicação mais influentes nacionalmente?

Referências

AARÃO REIS, Daniel. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 3a ed., 2005.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad.: Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1979.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000, p. 165.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; DE MORES FERREIRA, Marieta. **História do tempo presente e ensino de História**. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Atos esvaziados pelo país celebram golpe de 64 e pedem intervenção militar com Bolsonaro**. Poder. 31/03/2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/atos-esvaziados-pelo-pais-celebram-golpe-de-64-e-pedem-intervencao-militar-com-bolsonaro.shtml>>. Acesso em 10 ago. 2021.

JORNAL NACIONAL. Edição transmitida no dia 31/03/2021. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/9399977/programa/?s=22m32s>.

MARTINS, Helena. **Comunicação em tempos de crise: economia e política**. Editora Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo. São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. **Imaginário Histórico e Poder Cultural: as Comemorações do Descobrimento**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 26, 2000, p.184.

SAKAMOTO, Leonardo. **Bolsonaro adoraria o Exército nas ruas, mas ficará satisfeito com tuítes**. Colunas UOL. 2021. Disponível em <[encurtador.com.br/dpBN4](https://www1.uol.com.br/colunas/dpBN4)>. Acesso em 10 ago 2021.

SILVA, João Batista Teófilo. **REINVENTANDO O PASSADO: Memória, Imprensa e Ditadura 50 Anos Depois (1964-2014)**. Revista Historiar, v. 5, n. 9, 2013.